

O ESPELHO

JORNAL ILLUSTRADO

Vol. III.

(BRAZIL: PREÇO 300 REIS.)

Londres, 5 de Maio, 1917.

(PORTUGAL: PREÇO 8 CENT.) No. 5

ALÉRTA!



UMA SENTINELLA BRITANNICA, EM SALONICA, AO ANOITECER, GUARDANDO MUNIÇÕES



Escreptorios da redacção e administração
d' "O Espelho."

9, Victoria Street, S.W.1.

Telephone—Victoria 4661.
Londres.

Assignaturas.	Brazil, Portugal.
Annual ou (26 numeros)	Rs. 10\$000 3\$00
Semestre ou (13 numeros)	Rs. 5\$000 1\$50

AGENCIAS.

PARIS.

F. Mendes d'Almeida, 47, rue Vivienne,

Lisboa—

Alberto Rocha, 110, Rua dos Douradores.

Porto—

Magalhães & Moniz, Largo dos Loyos.

Manaus—

Stowell Brothers, Rua Marechal Deodoro,
No. 7.

Pará (Belem)—

A. M. Freitas & Cia, Trav Campos Sales, 22,
"Alfacinha," Rua João Alfredo.
Livreria Universal de Tavares Cardoso, Rua
João Alfredo.

São Luiz do Maranhão—

Antonio Pereira Ramos de Almeida & Cia.

Caena—

Crato, Rua do Commercio, 9, José de Carvalho,
Camocim, José Pedro de Carvalho,
Casa Ribeiro.

Parahyba do Norte—

Simão Patricio de Almeida, Areia.

Pernambuco—

Eugenio Nascimento & Cia, Livreria,
Evaristo Maia, Rua dos Coelhos, 3,
Manoel Nogueira de Souza, Rua do Barão,
da Victoria.
João Walfredo de Madeiros & Cia., (Librairie
Française), Rua 1 de Março 9.

Bahia—

Joaquim Ribeiro & Cia, Rua das Princesas
No. 2.

Victoria—

Paschoal Sciamarello, Rua Jeronymo Mon-
teiro, 6.

Rio de Janeiro—

Agencia Cosmos, Rua da Assembléa, No. 63.
Crashley, Rua do Ouvidor, 58.

São Paulo—

Casa Vanorden & Cia, Livreria.
C. Hildebrand & Cia (Casa Garraux), Rua 15 de
Novembro 40.
Pedro S. Magalhães, Rua da Quitanda 20.
Duprat & Cia, Rua Direita 26.
P. Genoud, Livreria, Campinas.

Porto Alegre—

Livreria Universal Carlos Echenique.
Agencia Cosmos.
Livreria Americana.
Fructuoso Fontoura, 4, Praça da Alfaudéa.

Rio Grande do Sul—

Albert C. Wood, S. Fco de Paula Cimo de Serra,
Livreria Americana, Pinto & Cia.
Meira E. Cia, Livreria Commercial.

Curityba—

J. Cardoso Rocha, Rua 15 de Novembro.

Goyaz—

Alencastro Veiga, Rua do Commercio.

Minas Geraes (Bello Horizonte)—

Casa Arthur Haas,
Rua de Bahia, no 784, C. Postal No. 2.



DURANTE as férias do Parlamento inglez, por ocasião da Paschoa, verificaram-se no mundo acontecimentos sensacionais; os Estados Unidos entraram na guerra, a Russia foi libertada pela democracia, e os aliados ganharam uma serie de victorias brilhantes e decisivas. Agora que os trabalhos parlamentares foram reencetados, o governo respondendo á critica dos seus actos administrativos, critica inevitavel enquanto não se pronuncia a victoria completa da Grande Entente, justificará, sem duvida, a sua acção no momento actual.

Além disso, serão tratados pelo governo assumptos importantissimos, de indiscutivel actualidade, taes como a reforma eleitoral, a questão da Irlanda, a conveniencia ou não do monopólio das casas de bebidas do Estado, e outros negocios relativos á guerra, isto é, mobilisação e aproveitamento da população civil, fomento intenso das construcções navaes, e o eterno problema financeiro.

A questão da Irlanda é dentre os assumptos acima referidos, uma das mais interessantes. O *Home Rule* está provocando cada vez mais desintelligencias de natureza meramente local dentro da propria Irlanda. Comtudo, isso não servirá de obstaculo para que se chegue a uma solução satisfactoria. O que o ministerio se propõe fazer é um accordo firmado no plano de uma modificação do *Home-Rule* e apresental-o á consideração das partes irlandezas, em litigio. Mesmo que esse accordo não logre os resultados esperados, o governo fará um apello aos partidos da Irlanda no sentido de, a titulo de experiencia, o acceptarem com um caracter provisorio.

Excepto numa parte da Irlanda, a velha opposição ao *Home-Rule* desapareceu completamente, sobretudo na Inglaterra, onde o principio da autonomia de governos locais é hoje reconhecida como benefica e eficaz. Os resultados produzidos com a autonomia da Africa do Sul são um exemplo valioso que desfaz qualquer duvida.

Correu ultimamente em Londres rumores de uma proxima eleição geral. Perante a lei em vigor, o mandato dos membros do Parlamento inglez deveria terminar o anno passado. Mas em virtude de um *amending bill*, prorogaram-no até 30 de abril. Findo esse praso foi preciso uma nova prorogação para evitar que a vida interna do paiz fosse agitada por uma luta politica inopportuna.

A situação do gabinete continúa magnifica. Como chefe de um governo colligado, constituido de ministros dos partidos Liberal, Conservador e Operario, Lloyd George tem mantido o seu posto, ha quatro mezes, cercado do apoio quasi unanime do Parlamento. Até mesmo o ex-primeiro ministro, Sr. Asquith, é um dos mais calorosos e influentes amigos da administração, convencido de que não se deve permittir que nenhuma differença de principios que em politica domestica possa existir entre os partidos, deva concorrer para embaraçar e efficiencia ministerial no proseguimento da guerra. O governo de Lloyd George está, portanto, firme no seu posto, cercado de uma confiança que, segundo se espera, irá até ao fim da guerra.

A entrada dos Estados Unidos na guerra virá alliviar sensivelmente a pressão financeira que pesa sobre os aliados, especialmente sobre a Gran-Bretanha que até hoje tem em diversas conjuncturas agido como banqueiro de cada paiz da Entente. Felizmente, porem, o chanceller do "Exchequer" conta com recursos que parecem inexauriveis. Antes da guerra a receita annual era cerca de 200 milhões de libras esterlinas. O anno passado ella triplicou. A differença entre as duas sommas representa o quanto os impostos tem contribuido para as despesas da guerra.

E' interessante notar-se que o imposto d'ã renda, extrahido do excesso de lucros, produziu no ultimo anno nada menos do que 140,000,000 de libras. Quando este imposto foi lançado pela primeira vez, ha dois annos, esperava-se que os seus resultados attingissem no primeiro anno mais do que 6,000,000 de libras. Effectivamente a renda actual elevou-se a 140,000,000 de libras devido ás inevitaveis demoras de execução da lei. Entretanto, o enorme total do ultimo anno foi augmentado pelos pagamentos atrasados e provavelmente a receita do corrente anno, proveniente do mesmo imposto, será com certeza igual á do ultimo, senão maior. Embora a receita seja cerca de 600 milhões de libras, obtidas da contribuição durante o ultimo anno, ter-se-ha de fazer face a um *deficit* superior a 1,600 milhões de libras por meio de empréstimos. E' pois, com razão que o ministro das Finanças da Inglaterra, não obstante os inexgotaveis recursos deste paiz, sente-se immensamente satisfeito pelo auxilio que em occasião opportuna lhe vae prestar o seu collega norte americano.

O TORPEDEAMENTO DOS NAVIOS HOSPITAES,

Tentativas de reprezalias contra a Alemanha têm sido ensaiadas pelos governos francez e britannico contra o torpedeamento repetido e methodico de navios hospitaes, mesmo d' aquelles em que se encontram prisioneiros allemães feridos; mas é impossivel que essas reprezalias se equiparem ás barbaridades dos allemães, porque os aliados não violam as convenções da guerra nem as leis da humanidade. Se a Alemanha tivesse algum navio hospital que podesse ser mettido a pique.—nem a Inglaterra nem a França seriam levadas a imitar o seu exemplo até hoje sem precedente. Tudo o que se pôde fazer, pois, é chamar a attenção do povo allemão para esse assumpto. Alguma coisa se tem obtido por este methodo; agora aguardemos calmamente os resultados. Entretanto, o governo britannico tem prudentemente decidido que, desde o momento em que a Cruz Vermelha é para os torpedos allemães um alvo facil e sem defeza, os navios hospitaes sejam retirados da superficie do mar e accommodações hospitalares e o tratamento proporcionado em França. Tal decisão traz evidentemente uma grande vantagem, e é que esses navios serão, nesse caso, usados no trafico ordinario em condições em que lhes será facil empregar meios de defeza.

A campanha aos navios hospitaes, semelhante á guerra contra os neutros, pode ser considerada como uma manifestação de desanimo que invade o almirantado allemão em face dos resultados da campanha submarina. Para fins de reclame é necessario que o volume de destruição seja mantido na mais alta escala, e tendo-se tornado agora mais difficil e perigoso fazer frente aos navios mercantes, os allemães procuram compensações, atacando os barcos sem meios de defeza e mesmo sem intenção de se defenderem—isto é, navios desfraldando ou o sagrado emblema da Cruz Vermelha ou uma bandeira neutra.



Em Nesle. Obra de destruição que os allemães tem praticado no norte da França. Cavallaria britannica atravessando um pontão que substitue uma antiga ponte

A MISSÃO BRITANNICA

CONFERENCIA DOS ALLIADOS NA AMERICA DO NORTE

O FIM da recente missão britannica á America do Norte suscitou curiosidade geral pela posição eminente e indiscutível de seus membros dentre os quaes se destacam o ministro das Relações Exteriores, o Director do Banco da Inglaterra, um militar de larga experiencia em questões internacionaes e por fim um illustre marinheiro cujo principal serviço á guerra tem sido o de dirigir o actual bloqueio contra a Allemanha. Diplomacia, dinheiro, soldados e navios, os quatro grandes factores do conflicto actual—taes são os assumptos que este grupo de homens publicos representa.

A chefia desse grupo coube ao Sr. Balfour. A escolha não podia ser mais acertada. S. Ex. é o decano dos estadistas inglezes, possuindo a madura experiencia que a sua passagem pelas esferas governamentaes, tem, como ministro dos Extranjeiros, chefe do Almirantado e primeiro ministro, proporcionado ao seu espirito de administrador eminente. O povo inglez reconhece e avalia, pois, a importancia da referida missão, pelo caracter e responsabilidade dos homens eminentes que nella tomam parte.

A ordem por que são numerados os assumptos que certamente serão tratados pela missão—diplomacia dinheiro, soldados e navios—marca igualmente a ordem da sua importancia no momento presente. O problema dos navios é um dos mais importantes. A construcção de embarcações, á parte a de navios de guerra, não teve, nos estaleiros inglezes logo depois do começo das hostilidades o desenvolvimento que agora se torna necessario.

Nos tres ultimos mezes, porem, essas construcções foram muito acceleradas e, de tal maneira que, durante o mez de março a produção dos estaleiros excedeu a sua capacidade calculada. Desnecessario se torna dizer que isto é altamente satisfactorio, não só porque esse facto representa a effectivação de medidas especiaes adoptadas pelo governo no fim do ultimo anno para augmentar as construcções

nos estaleiros britannicos, mas igualmente promette vantajosos resultados no proximo futuro.

Assim a cooperação americana neste urgentissimo trabalho será de um valor incalculavel. Entretanto, o que se torna necessario—e certamente isso se realizará—é uma media de construcções nos dois paizes excedendo uma percentagem até hoje nunca imaginavel

• • •

No mesmo dia em que foi annunciada a chegada do Sr. Balfour e de seus collegas aos Estados Unidos, Londres e outras grandes cidades inglezes estavam celebrando a entrada da America ao lado dos alliados por uma serie de commoventes serviços religiosos.

Em Londres, Suas Magestades o Rei e a

Rainha, juntamente com o embaixador americano, assistiram na cathedral de S. Paulo a uma cerimonia, em que o sermão foi pregado por um bispo americano.

Nos palacios reaes, nas casas de Parlamento e nos edificios publicos a bandeira americana estava hasteada no mesmo mastro em que a britannica e as "Stars and Strips" e a "Union Jack" se achavam de tal maneira entrelaçadas, que em muitos casos, pareciam um unico emblema. Seria impossivel francamente exagerar a impressão deixada no espirito inglez por essas manifestações que são popularmente consideradas como a união solemne das duas grandes nações que falam a mesma lingua.

A Allemanha dando, pois, origem a este historico acontecimento, após quasi seculo e meio de antithese politica entre os dois paizes, parece ter desempenhado, inconscientemente um benefico papel e prestado um incalculavel serviço aos seus adversarios.

Seja qual for a importancia do concurso financeiro promettido pela America á causa dos alliados, não se pode esperar que o contribuinte inglez seja alliviado dos encargos da guerra ainda maiores no decurso dos proximos doze mezes. A proposito deste assumpto, o ministro das Finanças da Gran-Bretanha ao apresentar o seu relatorio mostrou que o governo se tem cingido a uma grande economia e que as contribuições de guerra devem ser mantidas na sua mais alta escala durante a guerra. Pode-se, entretanto, notar desde já que a Inglaterra tem elevando mais do que qualquer outro paiz belligerante os seus orçamentos de guerra por meio de impostos. Se, porem fosse necessario augmentar ainda mais a proporção tributaria do paiz, o povo receberia esse sacrificio sem o menor queixume.

Pelo que diz respeito á Inglaterra, o curso financeiro proveniente da cooperação americana terá o effeito de diminuir o lançamento de emprestimos e não o de baixar os impostos.



Uma arvore aproveitada na construcção de um observatorio militar nas linhas do exercito britannico.



Destroços de arvores e casas no terreno da avançada britannica na frente occidental.

CREANÇAS MARTYRISADAS

DE todas as calamidades desta tremenda guerra a que mais nos commove é o atroz soffrimento de tantas innocentes creancinhas que foram obrigadas a permanecer nas zonas dos combates, atraz das linhas de fogo.

Poderá haver coisa que mais consterne a nossa alma, já horrorizada com as crueldades dos allemães, martyrisando sem piedade as populações das cidades invadidas, do que contemplar tão grande numero de creancinhas nas zonas de fogo, victimas de uma guerra barbara, com os seus pequeninos cerebros horrivelmente atormentados pelos infernaes estrondos da artilharia que ribomba dia e noite nas longas batalhas, durante mezes successivos, estremecendo seus franzinos corpinhos e entristecendo-lhes a alma, que desabrocha num inferno, mais horrendo do que aquelle que nos é descripto por Dante? As populações escravizadas da França podem ter soffrido muito nas mãos do brutal inimigo. Mulheres e homens podem ter vivido sob a tyrannia dos teutões, mas nada se compara aos martyrios destas creancinhas apanhadas de surpresa, tão cruelmente conservadas numa insupportavel situação, dia e noite internadas nos porões das casas, a maior parte em ruinas, vivendo aterrorizadas, mal alimentadas, soffrendo fome, e muitas dellas feridas.

Agora que as hordas do Kaiser foram obrigadas a recuar na vanguarda occidental e a entregar aos alliaes numerosas cidades francezas, é que se pôde avaliar o quanto essas infelizes creaturinhas soffreram. Muitas são hoje orphãs, e tão horrivel se lhes deparou a vida e a morte naquella tenra idade que os seus debeis organismos ficaram inutilisados para sempre.

Que triste porvir para estes filhinhos da heroica e gloriosa França, quando a sua patria tanto depende da nova geração para restaurar o que traiçoeiramente lhe destruíram!

Tudo o que é possível fazer-se com carinho ou dinheiro para curar os seus corpinhos e cerebros torturados, está sendo feito pelo governo francez e por diversas organizações particulares. Estas se esforçam para remover do districto de Béthune-Armentières todas as que ainda allí permanecem. Muitas vivem ainda proximas das linhas de fogo, distante apenas 800 metros; algumas foram horrivelmente feridas e um consideravel numero dellas soffreram forte abalo de nervos, occasionado pelo medonho estrondo da artilharia, adquirindo uma molestia semelhante á de São Guido. Todas se acham fraquis-

simas pela falta de alimento pelo facto de haverem vivido refugiadas nos porões.

A escriptora Marion Ryan, no *Weekly Despatch*, nos dá os detalhes de taes soffrimentos, como lhe foram narrados por Mme. Benfain de Lafont, actualmente servindo nos hospitaes em França. Transcrevemol-os aqui:

"Era impossivel salvar as creanças nas zonas invadidas enquanto os allemães allí permaneciam, e hoje a França estremece de horror ao ver as tristes condições em que ficaram estas innocentes creaturas. São orphãs, sem protecção; apresentam-se macilentas, feridas, estupefactas. Mestres de escola e seus visinhos nos mostram algumas

algumas fatalmente, outras perderam braços ou pernas ou a vista, e muitas dellas estão affectadas com febre cerebral e rapidamente definhande.

Não se pode imaginar coisa alguma mais terrivel do que seja contemplar essas pequeninas victimas mutiladas que não mais poderão brincar ou gozar a vida como as outras creanças. São apenas vagas sombras de uma infancia. É difficil fazel-as falar. Tremem e se sobresaltam ao ouvirem qualquer barulho ou a aproximação da intermeira.

As mulheres são sempre meigas para com as creancinhas, Comtudo estas precisam ainda de maior carinho. Um rapazinho, affectado com gangrena, não podia falar durante muitas semanas depois de entrar para o hospital. Receava-se que tivesse ficado mudo pelo choque recebido; porém, ha uns dias passados, com um sorriso forçado exclamou: "Que socego!" Era a demonstração da felicidade que sentia.

As mais queridas no hospital são duas meninas gêmeas de cinco annos de idade, cujos paes foram mortos por um obuz que destruiu a sua residencia. Sómente estas creancinhas escaparam; são lindas creaturas, e no hospital já vão readquirindo a calma normal e a saude.

Bem se pode imaginar o sentimento dos soldados cujos filhinhos estavam soffrendo sob a tyrannia dos allemães ou ainda permaneciam nas zonas bombardeadas. Recentemente tive sob meu cuidado um soldado a quem os allemães roubaram a esposa e uma filhinha de seis mezes, levando-as consigo. Desde então, não mais as tinha visto, ignorando onde estavam e se sua filhinha havia morrido; é porém, corajoso e constantemente repete: "Mas, ella hade voltar." Um dia me disse: "Madame, eu endoideceria se não repetisse isso a mim mesmo."

Não creio que se possa imaginar a tristeza desses pais nas visitas que fazem aos seus filhinhos durante a escuridão da noite. Elles viram a vida de seus pequeninos entes queridos a esvahir-se pouco a pouco nos frios e escuros porões, alguns mutilados e ensanguentados. Agora regosijam-se ao vel-as recuperar as suas forças ao ar livre. Não se importam com os seus proprios soffrimentos, comtante que não vejam os seus filhinhos padecer.

É terrivel olhar para uma creança ferida e muito peor vel-a perder a razão. Quando se fizer a historia desta terrivel guerra, os soffrimentos infligidos pelos allemães ás creanças, constituirão a sua parte mais commovedora.



Cyclistas britannicos a caminho da vanguarda para vigiar os movimentos do inimigo.

dessas creanças que antes eram o orgulho das cidades em que viviam, e hoje são méras sombras, trazendo gravadas no rosto os vestigios da tragedia e dos horrores por que passaram. Certamente todo o auxilio possível lhes é prestado agora, pois, as suas vidas são sagradas para o Estado. Centenas dellas ainda permanecem perto das linhas de fogo no districto de Armentières, diariamente em perigo, e uma organização, dependente da Cruz Vermelha franceza, L' Oeuvre de la Lys, foi creada para as remover da zona perigosa. Os parentes sentem immensamente separarem-se dellas, de maneira que as estamos collocando em herdades perto, para facilitar as visitas dos paes, durante as treguas dos bombardeios, aproveitando a escuridão da noite, ainda que para isso tenham de caminhar algumas milhas. A minha cunhada, que dirige um hospital proximo do districto bombardeado, tem 400 creanças nas suas enfermarias, todas menores de 12 annos de idade; foram feridas,



Habitantes de uma villa conquistada recebem alimentos trazidos pelas forças britannicas



Tropas britannicas jantam entre as ruínas de uma habitação na vanguarda occidental

ATRAVEZ DO ESPELHO

INFAMIA.

ESTÁ escripto que os allemães quebraram todas as tradições de nobreza que dignificavam a humanidade civilizada. Desde o começo d'esta guerra provocada pelos seus appetites e pelo seu orgulho, elles desrespeitaram os tratados, mataram velhos, mutilaram creanças, atacaram mulheres, trucidaram adversarios desarmados, destruíram, pelo simples prazer de destruir, os mais bellos monumentos. Depois d'isso, seria realmente extraordinario que, seguindo o exemplo dos belligerantes de todas as epochas, elles soubessem saudar com respeito um adversario morto.

A "Deutsche Tages Zeitung" referiu-se nos seguintes edificantes termos á morte tragica d'esse grande e nobilissimo soldado que foi lord Kitchener:

"Kitchener era um representante repugnante da raça ingleza, a encarnação da brutalidade unida a dons que faziam d'elle um general capaz e um organizador de guerras colonias. Se foi um submarino allemão que lhe causou a morte, felicitamos calorosamente o commandante que suprimiu um tal personagem antipatico no mais alto grau."

Será realmente preciso commentar? Haverá na nossa lingua termos assaz duros para classificar essa ignominia? De resto, acaso será necessario acentuar o que ha d'infame n'esse acto, bem alleraão, d'um jornalista cuspiendo injurias sobre um cadaver?

Toda a grosseria allemã se define n'essa meia duzia de palavras tórpes. Essa grosseria era, em tempo de paz, habilmente dissimulada aos olhos menos peritos por essa amabilidade untuosa, bem conhecida, que os germanos passaram atravez do mundo. Elles precisavam então de insinuar-se, de ganhar a confiança que lhes permittiria melhor trair depois. O momento chegou, as mascaras caíram. A colera, o despeito, pode-se mesmo dizer, o desespero trouxeram a lume, no bico allemão, as qualidades nativas que elle chegara a dissimular, mas não a supprimir. Ah! os têm agora, taes como elles são, esses que pretendiam e parece que pretendem ainda dominar o mundo!

Comtudo, a esses homens já não é apenas a delicadeza que falta, é tambem o bom-senso. A que calculo, a que suggestões do seu espirito pratico pôde, com effeito, obedecer a exhibição de instintos tão deploraveis? Pois que, como se tem visto, esse povo é capaz de supportar com disciplina grandes sacrificios, porque não continuar ainda por mais algum tempo a dissimular a ingenita torpeza? Porque? Para que? Com que interesse?

N'uma carta celebre ao seu ministro Podzwill, um rei da Prussia, Frederico II, disse um dia: "Se ha alguma coisa a ganhar em ser honestos, sê-lo-hemos, e se é preciso

ludibriar, sejamos patifes." Para os allemães, n'este momento, parece que alguma coisa haveria a ganhar não em ser honestos, porque essas coisas não se improvisam, mas, pelo menos, tanto quanto possível, em parecê-lo.



Encontro de camaradas britannicos, atravez das linhas de fogo.



Soldados canadenses á porta de um botiquim na vanguarda occidental.

UM DIA DEPOIS DO OUTRO.

A "Retirada Estrategica" do marechal Hindenburgo ainda não produziu até agora os resultados annunciados pelos allemães. Os factos que se desenrolaram e ainda se desenrolam no "front" franco-britannico for am-nos a crer que esses resultados falharam por completo. Mais até: esses resultados se verificaram negativamente. Dahi, a decepção geral entre os allemães. O povo pergunta á imprensa o motivo por que o enganou, quando lhe assegurava que dessa retirada surgiria uma grande surpresa. Por sua vez, a imprensa, intimamente, deve accusar o governo de ter mentido á nação. E o governo imperial, vendo que os "planos" do marechal Hindenburgo já não inspiram confiança, insiste em não confessar o desastre, não só para evitar a vergonha que tal confissão provocaria, como para impedir a indignação popular contra uma tamanha deslealdade. Demais, para a Alemanha é humilhante, é doloroso reconhecer que as suas tropas foram estrondosamente batidas pelos britannicos.

Os allemães nunca chegaram a contestar a bravura e o valor do exercito francez. Mas ridicularisaram sempre o exercito britannico, cuja acção, diziam elles, "se notabilisara por uma serie de recuos celebres." Comtudo, ultimamente, isto é, ha anno e meio, a imprensa allemã julgou prudente tratar o exercito britannico com um pouco mais de consideração. A campanha de ridiculo foi terminada, e não mais se viu uma allusão ao "desprezível exercitosinho." Nunca, entretanto, se ouviu da Alemanha uma palavra, sequer, de admiração, ou, ao menos, de justiça, pelo esforço gigantesco da Inglaterra em face do actual conflicto.

Agora, com a "retirada estrategica" os allemães entregam as mãos á palmatoria e confessam o que até hoje se obstinavam em negar. E' o que se deduz dos artigos publicados por varios jornaes de Berlim sobre os ultimos acontecimentos, dos quaes é digno de nota um inserido no *Berliner Zeitung am Mittag* cujo trecho final transcrevemos:

"Os inglezes não somente accumularam, por um trabalho de longas semanas, um material de guerra consideravel, e obtiveram grandes successos materiaes, que consistem na destruição das nossas posições e meios de defeza, MAS ATACARAM AINDA COM UMA BRAVURA E ESPIRITO COMBATIVO QUE SOMOS OBRIGADOS A RECONHECER. NÃO SE PÔDE REALMENTE CONTESTAR AO EXERCITO BRITANNICO SUAS ALTAS QUALIDADES MILITARES, PORQUE SÓ UM EXERCITO ASSIM TÃO FORTE E CAPAZ DE ALCANÇAR SUCCESSOS EM POSIÇÕES DEFENDIDAS PELAS HEROICAS TROPAS ALLEMÃES."

Depois dessa glorificação do exercito britannico, partida—quem diria?—do seio da propria Alemanha a gente fica pensar que a philosophia dos proverbios vae-se tornando cada vez mais respeitavel. Pelo menos, quando ella nos ensina que não ha nada como *um dia depois do outro*.



Soldados ingleses atravessando uma trincheira de comunicação, inundada



O transporte de vigas de madeira para serviço do exercito numa floresta durante o inverno

HOMENAGEM AO BRAZIL.

A BRILHANTE MANIFESTAÇÃO DO "LE JOURNAL" AO CAPITÃO PEIXE.

O BRAZIL inteiro teve mais uma vez, a oportunidade de sentir que a França é a terra generosa e acolhedora de sempre. A manifestação de sympathia com que ella cercou a pessoa do capitão Peixe, o bravo commandante do *Paraná*, encheu de gratidão e orgulho o coração de todos os brasileiros. E quem conhece o character do povo francez vê, claramente, que na brilhante festa organizada pelo *Le Journal* em honra do "forceur du blocus" não foi apenas uma homenagem a um marinheiro valente, victima da "força dos covardes": foi uma saudação calorosa, em que pulsou o coração de toda a França, enviada ao paiz irmão de raça, de sentimentos, de ideias, de democracia, pelo seu gesto de altivez e coherencia rompendo as suas relações com o povo barbaro e desleal da Alemanha. O banquete que o Sr. Charles Humbert offereceu ao commandante Peixe, organizado num momento feliz, assumiu em Paris as proporções de um acontecimento notavel, já pelo fulgor e eloquencia dos discursos ali proferidos, já pelo carinho com que se cercou o nome do Brazil, já, enfim, pelos telegrammas de sympathia enviados á direcção do *Le Journal* por uma serie de expoentes maximos da politica, jornalismo e literatura da França.

O banquete realisou-se no Grande Hotel, tendo a elle comparecido o mundo official (inclusive o representante da Republica franceza), politicos, jornalistas, escriptores, os ministros de quasi todos os paizes sul-americanos e membros proeminentes da colonia brasileira em Paris. O commandante Peixe foi saudado pelo eminente polygrapho George Prades, um dos collaboradores do *Le Journal*. Em seguida o capitão do *Paraná* pronunciou o seguinte discurso:

"Vós deveis comprehender bem a surpresa que foi para mim esta recepção da imprensa de Paris, representada por um dos órgãos mais autorizados da opinião franceza; mas podeis imaginar toda minha admiração no meio de uma assembleia tão illustre como esta, reunida para festejar o simples cumprimento do dever que custou a morte a tres marinheiros do *Paraná*. A generosidade do director do *Le Journal* quiz ver em mim, commandante daquelle navio, um "forceur" do bloqueio. Em realidade eu não fui mais que um "simple marinheiro brasileiro." O Brazil tinha declarado, officialmente, que não reconhecia a legalidade desse famoso bloqueio, si antes attentado contra o direito das nações e contra a humanidade. Cobia-nos pois, a nós, marinheiros brasileiros, mostrar que não nos submettiamos a esse acto de violencia duma força que não é mesmo a força por isso que ella evita medir-se com a força armada para se lançar aos barcos incapazes de resistencia. É a força dos covardes.

A viagem do *Paraná* através de toda a

zona bloqueada não foi pois, senhores, nada mais que uma affirmativa da resolução do Brazil de continuar a exercer um direito que as leis internacionaes lhe asseguraram.

Este simples exercicio de um direito custou a vida a tres de meus companheiros. Bem podeis imaginar a dor que me corta o coração.

A mim esta catastrophe me revelou, ainda, um pouco da generosidade cavalheiresca da alma franceza, e é para agradecer tantas demonstrações desta generosidade que eu me animo a continuar com a palavra. Antes de tudo, tenho a agradecer ás equipagens dos

mar estava rehabilitada.

Devo agradecer, enfim, por intermedio do *Le Journal* que tomou a iniciativa desta festa, a todos os que pensaram nesta manifestação, e della participaram, honrada com a presença de um dos membros do governo francez e dos representantes officiaes do Brazil. Eu o faço em meu nome e no da equipagem do *Paraná* bem como no da marinha mercante do Brazil, á qual transmitto as honras que aqui me são prestadas.

Senhores, eu bebo á grandeza da França, ao seu grande passado e ao seu futuro ainda maior.

Applausos calorosos coroaram as palavras eloquentes do commandante Peixe. Feito silencio, o Sr. Dr. Olintho de Magalhães tomou a palavra.

Quem conhece a cultura elevada e o brilhante talento do illustre filho de Barbacena não se admira do fulgor das suas palavras. Depois de fazer uma allusão aos meritos conhecidos do marinheiro brasileiro e á coragem denodada dos tripulantes do *Paraná*, o eminente ministro brasileiro acrescentou:

Como os bretões, elles são marinheiros até a alma. Ainda hontem o capitão do *Paraná*, que recebe aqui esta generosa hospitalidade, falava-me: "Ouço dizer que um navio brasileiro, canhoneado por um submarino allemão, viu-se obrigado a refugiar-se num porto hespanho! Si o senhor ministro quizer encarregar-me de procural-o, eu irei com a minha equipagem e conduzil-o-emos ao Havre." Com taes homens, de que se deve orgulhar a nossa marinha, não causa admiração que ella tenha tido a honra de ser a primeira a atravessar, depois da declaração do bloqueio submarino, a zona perigosa da guerra. Com effeito, alguns dos nossos navios conseguiram forçar o bloqueio e preceder o *Paraná* nestas paragens.

Os acontecimentos da guerra europeia nos ensinaram uma grande verdade. Desgraça aos que tiverem despresado as medidas necessarias a salvaguardar os interesses do Estado e assegurar a tranquillidade dos povos, seus direitos e sua parte collaboradora na obra da civilização. O fim principal desta grande guerra deve, pois, ser o de oppôr esta garantia ao espirito de conquista e escravidão. Contra uma guerra que visa o direito das nações, a consciencia universal, proclama a revolta necessaria e sagrada para salvar os direitos do homem. A solidariedade moral que uma tal luta provoca, em todos continentes, já é uma victoria. Os que não estão em guerra, e ainda não mobilisaram seus instrumentos materiaes de defeza, acham-se, todavia, em opposição a esse attentado contra o patrimonio da humanidade. Com esse grande ideal, a união das nações é possível, e deve triumphar. Alias, o programma exposto pelo presidente



Tudo o que resta de uma residencia: pedaços de uma cama

contra-torpedeiros francezes *Escopette*, e *Tertuisiane*, bem como a do navio inglez *Ratley-Head* pelo devotamento e attenção com que nos soccorreram, depois de doze longas horas de expectativa, de frio e de fadiga. Elles não sahiam occultamente das aguas para causar a morte; mas, em pleno dia, affrontando elles tambem a ameaça das minas e dos submarinos levavam a vida. Esse encontro com verdadeiros marinheiros foi para nós um duplo prazer: a profissão do



Soldados canadenses exercitando-se no Canadá



A caminho das trincheiras para vender os camaradas.

Wilson não é contrario a esta aspiração.

Falando da guerra, das suas consequências e razões, o Sr. Lloyd George disse que este conflicto é certamente a luta mais justa que tem sido empreendida pela liberdade. As nações americanas conheceram outrora o flagello das tyrannias. Ellas destructam, agora, desta liberdade que fez a integridade democratica dos continentes e saberão resistir a todos os que, para conseguir um logar ao sol, procuram o seu futuro sobre o oceano, trancando o caminho aos neutros. A marinha franceza, que sempre ajudou a defender a liberdade dos mares, conseguiu assegurar á Republica um vasto imperio colonial. Ella não conheceu nunca, nas suas acções, senão a luta cavalheiresca, a luta digna das suas tradições e da honra da sua bandeira.

E o illustre ministro brasileiro, a quem a manifestação do *Le Journal* era tambem dirigida, depois de produzir as palavras cheias de superior elevação de vistas que ahí ficam, assim terminou, falando ao ministro do bloqueio:

"Agradecendo, senhor Ministro, a vossa presença, eu levanto a minha taça em homenagem á marinha franceza e seus grandes chefes; á imprensa pariziense representada pelo *Le Journal*; e ao triumpho da democracia e da França gloriosa, fonte inexgotavel de energia, fonte das grandes ideias de justiça e de humanidade."

E' excusado dizer que o discurso do Sr. Olyntho de Magalhães produziu no auditorio a mais viva impressão, não só pelos conceitos firmes, sãos e nobres nelle contidos, como pela autoridade intellectual e diplomatica de quem o fez. Ouviu-se depois do representante do Brazil, a palavra official do Sr. Denys Cochin, ministro do bloqueio. Brindando ao commandante Peixe, disse que a acolhida que lhe dava a França era justa por isso que elle, para fazer "uma visita," ao seu paiz, arriscara-se ao naufragio e á morte.

"Cidadãos de um paiz neutro—continuou o ministro francez—carregando no seu barco as riquezas da sua nação, os productos da sua terra, elle havia atravessado o oceano e se encontrava em Cherburgo. O commandante Peixe tinha deixado esse porto e se dirigia para o Havre, entrando ousadamente nas regiões interditas pelos nossos agressores mesmos aos neutros, na zona da guerra, proclamada tal pelos allemães desde Fevereiro de 1915. Cito as datas porque é bom lembrar que a violação do direito das gentes e dos principios admittidos em 1856 foi, a principio, commettido por elles, quando retidos no norte da França. Furiosos, não podendo penetrar mais longe, declararam zona de guerra, campo de batalha, os mares que banham as costas das provincias mtangíveis a seus ataques. Rasgaram os tratados, e as medidas que tomamos mais tarde, os inglezes e nós, em Março de 1915, em Julho de 1916, não foram realisadas senão como represalias.

Dirigia-se, pois, o capitão Peixe para o Havre, na sua marcha ousada, mas sem desajo inutil. Não estava armado para a guerra.

Não lhe preocupava tão pouco a ideia de se occultar. E o seu pacifico navio sin-grava as aguas durante a noite todo coberto de luzes, bem visiveis as côres do seu pavilhão de neutro, inscripto sobre seu flanco, em letras de fogo, o nome do Brazil. E' quando um torpedo sahido da sombra vae romper o seu costado, matar dois mechanicos ao lado de suas caldeiras, inundando o *Paraná* cuja equipagem teria perecido se as nossas canhoieiras *Escopette* e *Tertuisane* não houvessem tido a fortuna de soccorrel-o ainda a tempo.

Depois de se referir á impressão que esse attentado causou no Brazil emocionando milhões de consciencias, agitando o povo, que pede a guerra, e o governo que se prepara as eventualidades, o Sr. Denys Cochin dirigindo-se aos brasileiros presentes, pergunta qual é a verdadeira causa desse movimento reaccionario. Vingrar a honra? Não; uma tão baixa injuria é desprezível. Defender fronteiras ameaçadas? Não; o territorio brasileiro não corre perigo. Vantagens materiaes de guerra, proveitos commerciaes? Ainda menos: a especulação seria perigosa. A verdadeira causa desse movimento está num ideal. E' por esse ideal que os filhos do Brazil querem bater-se; é em defeza delle que morrem os da França. Em seguida, o ministro do bloqueio ajuda aos povos latinos ou anglo-saxões, chinezes ou japonezes que têm abraçado a causa da justiça e liberdade, terminando assim:

Rogo ao Sr. Afonso Costa, ao Dr. Olyntho de Magalhães, ao Sr. commandante Peixe de transmittir aos seus paizes a expressão do meu profundo reconhecimento. Soldado de 1870, antes mesmo de deixar o collegio, espero a *ravanche* proxima e segura, para repetir a phrase admiravel de Maunaury, depois do marne: "Eis, entretanto o que eu esperava depois de quarenta annos."

Falaram ainda o Sr. João Chagas, ministro de Portugal, saudando o gesto do Brazil, o Sr. Damour, deputado francez, propondo fosse enviada uma mensagem ao Sr. Wenceslau Braz, o Sr. Vildosala, director do *El Mercurio*, do Chile e uma das figuras mais brilhantes entre os seus compatriotas residentes em Paris. O discurso deste ultimo foi, de principio a fim, alem do calor das palavras, da felicidade de expressões, um preito entusiasmo, de carinho e admiração ao Brazil. Nada mais natural: Vildosala é chileno. E de um chileno, o brasileiro não espera senão demonstrações de sympathia e affecto. Eis, na integra, o que disse o notavel jornalista de Santiago:

SENHORES

"Se fosse possivel ainda empregar termos cavalheirescos para se falar desta guerra que um dos belligerantes tanto aviltou, eu desejaria saudar o nobre gesto do primeiro cavalleiro latino-americano que acaba de entrar na arena para responder a um desafio lançado contra o mundo. Mas é preferivel dizer-se que o Brazil é o primeiro visinho desta parte do globo, que se chama a America Latina que accorreu ao toque de rebate chamando os povos para a defeza do seu patrimonio.

Quando a Belgica foi invadida, quando as populações foram reduzidas á escravatura, quando a guerra submarina teve inicio, os scepticos exclamaram: "O Direito internacional pereceu!" Mas nós sabemos que somente havia perecido o velho Direito egoista que aconselhava a cada nação olhar apenas o seu interesse material, directo, immediato, e, em seu logar, já surgia esta outra concepção, generosa e humana dos interesses moraes communs a todas as nações e cujo triumpho exige sacrificios communs.

No novo Direito, a palavra neutralidade perde sua significação egoista e não pôde mais ser applicada aos conflictos que collocam em perigo os alicerces da vida civilizada. Não se tem mais o direito de ficar neutro entre o que viola os tratados e aquelles que os respectam, o que despreza as convenções humanitarias e aquelles que lhes rendem homenagem o que priva as nações fracas de sua liberdade e aquelles que as protegem, o que persiste numa obra systematica de devastação e aquelles que se alliam para subjugal-o e desarmal-o.

Este novo Direito, esta boa nova, cimentada com o sangue das democracias franceza e britannica cuja inspiração deu o seu impulso á democracia russa, encontrou o seu evangelho na mensagem historica do presidente Wilson, e o seu primeiro discipulo latino-americano é o Brazil.

Que magnifico exemplo para as suas irmãs de America, para nós chilenos, unidos aos brasileiros por uma velha amizade de quasi um seculo. Nós conhecemos o sereno idealismo da alma brasileira, sempre orientada pelo direito e disposta a sacrificar-se pela justiça. Sabemos desde muito que entre os marinheiros do Brazil, ha homens que farão sempre o que o valente capitão do *Paraná* fez hontem: cumprir um dever sem medir as consequências. E é porque nós amamos o Brazil e mantemos esta tradição, que eu não concebo os nossos dois paizes separados nestas horas tragicas, e por esse motivo que eu vejo aproximar o momento em que o Chile terá reconhecido que a neutralidade não é mais possivel quando se tem a consciencia dos deveres e destinos dos povos americanos."

O Sr. Manoel Sotto Mayor, director de um jornal de Quito falou, em seguida, sobre o interesse apaixonado com que o Equador espera a victoria dos paizes que lutam pela causa do Direito, depois do que teve a palavra o Sr. Irineu Machado cujo discurso publicamos noutra parte.

O Sr. Graça Aranha, o primoroso estylista da *Chanaan* e uma dos figuras que mais bribo emprestaram á diplomacia brasileira, pronunciou depois algumas palavras sobre o gesto altivo do Brazil na ruptura das suas relações com a Alemanha. Finalmente o Sr. Fromin-Meurice, vice-presidente do conselho municipal, saudou o capitão Peixe em nome da cidade de Paris. Terminada a generosa manifestação do *Le Journal*, a colonia brasileira enviou ao Sr. Charles Humbert, que se achava ausente de Paris a tratamento de saude, um telegramma de gratidão.

ATTENTADO DA ALLEMANHA AOS NAVIOS HOSPITAES E AO SYMBOLO DA CRUZ VERMELHA

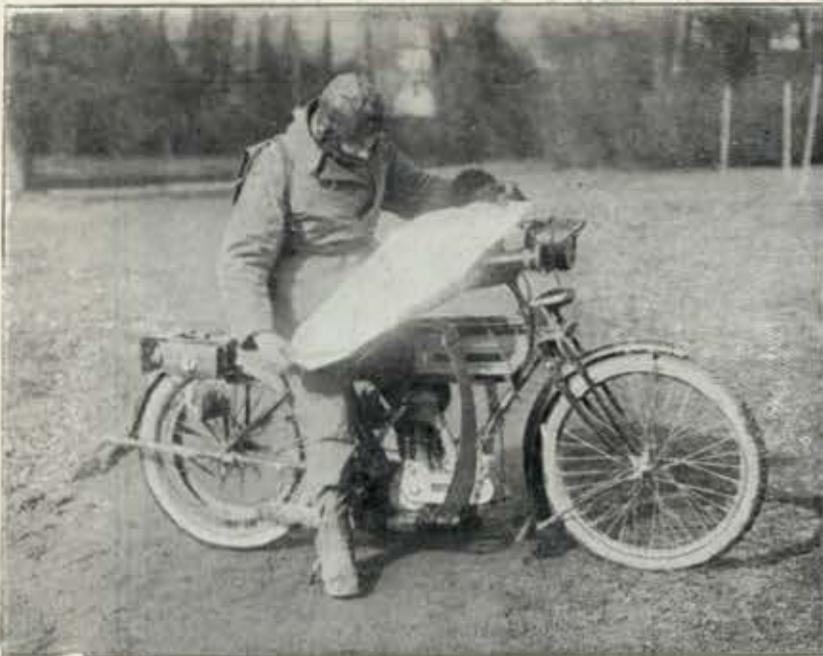


NAVIO HOSPITAL BRITANNICO PROFUSAMENTE ILLUMINADO TENDO BEM VISIVEIS OS SIGNAES DA CRUZ VERMELHA

Da Sphera

Ao pôr do sol um navio hospital britannico deixa o seu ancoradouro. Faz-se ao largo profusamente illuminado, com projecções de luz electrica que deixam ver perfeitamente, a grande distancia, os distinctivos da Cruz Vermelha pintados no costado. Ao sahir do porto as sentinellas postadas no caes prestam continencia. Medicos, enfermeiras, tripulação e feridos, todos ficam á mercê de um inimigo deshumano que, como diz o presidente

Wilson, no seu discurso ao Congresso, "tem tambem mettido a pique navios hospitaes com a sua habitual crueldade e falta de escrupulos." A Alemanha procura justificar o seu crime com a seguinte exclamação: "Não ha necessidade de transportar os feridos para o seu respectivo paiz." E é esta a nação que se diz culta.



Um correio britânico transporta despachos para o quartel-general



Tropas britannicas dirigindo-se para as primeiras linhas de fogo

UM GRANDE FEITO HEROICO

DOIS destroyers-leaders da marinha britânica o *Swift* e *Broke*, durante uma ronda nocturna no Canal da Mancha, em 20 de Abril, navegavam na direcção do poente quando às 12 e 40 o *Swift* avistou uma flotilha inimiga a estibordo, navegando a grande velocidade e em sentido contrario. A noite, apesar de calma, estava completamente escura e o inimigo ao ser descoberto já se achava a uma distancia de 600 jardas. Os sinos de todos os navios allemães deram o signal de formar em linha de combate. Em seguida abriram fogo, que produziu um immenso clarão.

O *Swift* respondeu immediatamente, e seu commandante Ambrose M. Peck, sem hesitar, decidiu atacar com a proa de seu navio o destroyer chefe da flotilha inimiga. O *Swift* então, por um rapido movimento do leme alterando o seu rumo, com toda a sua tripulação no convex, cega por alguns momentos devido ao clarão do primeiro disparo, avançou resolutamente para o inimigo.

E' preciso notar que um ataque desta ordem a um dos destroyer da divisão inimiga, quando essa avança na escuridão em linha de combate, com a velocidade de 20 a 30 nós, é uma operação extremamente delicada. O mais insignificante erro, de alguns grãos na direcção do leme, ou algumas rotações da helice a mais ou a menos significa insuccesso certo e tem toda a probabilidade de ser attingido pela proa da segunda embarcação da linha de fogo.

O *Swift* falhou o golpe, mas passou illeso atravez da linha. Voltou então como um falcão á sua presa e ao fazel-o torpedeou com maestria outro destroyer da linha inimiga.

Mais uma vez, avançou resolutamente para o destroyer-chefe que ainda conseguiu escapar e desaparecer na escuridão a toda a velocidade, sem disparar mais um tiro. O *Swift* seguiu-lhe no encalço.

O COMMANDANTE EVANS DO BROKE.

Logo ao avistar o inimigo, o destroyer *Broke*, commandado pelo capitão Edward R. G. R. Evans, C.B., navegava á proa do seu companheiro, o *Swift*. Ao perceber que este alterava o seu curso para metter a pique o destroyer-chefe do inimigo, o *Broke* lançou com successo um torpedo na segunda unidade inimiga, e, em seguida, abriu fogo com todos os seus canhões. Os seis destroyers, queimando furiosamente carvão para alcançar a maxima velocidade, vomitando de todas as suas chaminés espessas labaredas que lhes illuminavam os tombadilhos, facultaram ao commandante do *Broke* a decisão da tactica a adoptar. Parando por um momento afim de adquirir grande impulso para o golpe que ia desfechar, o *Broke* virou para o bombordo e atirou-se de encontro á terceira unidade da linha inimiga, arrombando-lhe o costado á altura da ultima chaminé.

Com a proa do destroyer britannico enterrada no costado do navio inimigo ficaram as duas embarcações presas uma á outra, as duas tripulações lutaram desesperadamente braço a braço. O *Broke* varreu o convex do navio inimigo com todas as suas armas de fogo, canhões metralhadoras, carabinas e revolvers.

Durante todo o tempo da luta, os dois ultimos destroyers, da linha dos allemães atacavam o *Broke* com um devastador bombardeio. As munições dos canhões da proa ficaram reduzidos de 18 a 6 praças. E o guardamarinha

Donald A. Gyles, R.N.R., encarregado do castelo da proa, apesar de ferido numa das vistas, manteve todos os canhões da mesma proa em acção, ajudando elle proprio a desalcada guarnição a carregal-os.

Enquanto isso se passava, um grupo de marinheiros allemães vindo do destroyer avariado, aborda, o *Broke*. Mas o fogo terrivel vomitado pelos canhões do castelo da popa para onde se dirigiam os atacantes, produzindo clarões que cegavam, era tão infernal que os obrigou a recuar, numa confusão desesperadora, em direcção da ré. O guarda marinha entre, os mortos e feridos da sua guarnição e meio cego pelo sangue que lhe corria dos ferimentos, fez frente, sosinho, ao grupo assaltante com um revolver automatico. Um marinheiro inimigo o agarrou e quiz arrebatá-lhe a arma, mas como havia no equipamento da guarnição machadinhas e carabinas com bayoneta calada, como uma



Commandante Edward R. G. Evans, C. B.

medida de precaução, foi posto fora de combate a golpes de bayoneta por um marinheiro de nome Ingleson. O resto dos invasores, com excepção de dois que cahiram fingindo-se de mortos, foram arremeados para fóra. Estes dois outros, porem, foram presos.

Dos seis destroyers inimigos só tres estavam na linha. Dois minutos depois do abalroamento, o *Broke* conseguiu desvincular-se da sua presa que se submergia e sahiu para metter a pique o ultimo destroyer da linha inimiga. Não conseguiu fazel-o, mas ao dar uma volta, alcançou um outro e metteu-lhe um torpedo.

Depois de lutar valentemente com os dois destroyers fugitivos, o *Broke* procurou então juntar-se ao *Swift*, tomando a direcção em que ellejinha desaparecido. Nesse momento, uma granada inimiga inutilisa o compartimento

das machinas. E o inimigo desapareceu completamente na escuridão.

TRAIÇOEIROS PEDIDOS DE SOCCORRO.

Marchando ainda com alguma velocidade o *Broke*, ao ouvir gritos de soccorro, partidos de um destroyer allemão que se incendiava, alterou e seu curso para prestar os soccorros pedidos. O incendio era horrivel. Entretanto, sem recear o perigo de uma explosão dos paletes de polvora, o *Broke* aproximou-se com as devidas cautellas. Os gritos de "soccorro! soccorro!" redobravam. Repentinamente, o destroyer allemão abriu fogo sobre o seu inimigo. Ficando, então, sem governo, o *Broke* impossibilitado de safar-se da difficil posição em que se encontrara, poz termo á perfida traição: descarregou quatro vezes as suas baterias e, em seguida, para a sua melhor garantia, lançou um torpedo que attingio o destroyer traidor a meia nau. Ao mesmo tempo o *Swift* continuava a perseguir o destroyer-chefe inimigo, mas os danos que lhe tinham sido causados no principio da acção, apesar de ligeiros, não lhes permittiam navegar a toda a força. Abandonou por isso a perseguição e voltou em procura de uma nova presa. O vulto de um destroyer parado foi visto na escuridão, mesmo em frente e aos poucos foi-se ouvindo um barulho confuso de vozes que em seguida se tornou mais distincto, como se partisse de homens juntos gritando ao mesmo tempo.

Prudentemente, e de algum modo perplexo com a gritaria o *Swift* se aproximou com os seus canhões apontados para o destroyer que era o mesmo, pouco antes, abalroado pelo *Broke* no principio da batalha. A sua guarnição gritava: "Nós nos rendemos! Nós nos rendemos!"

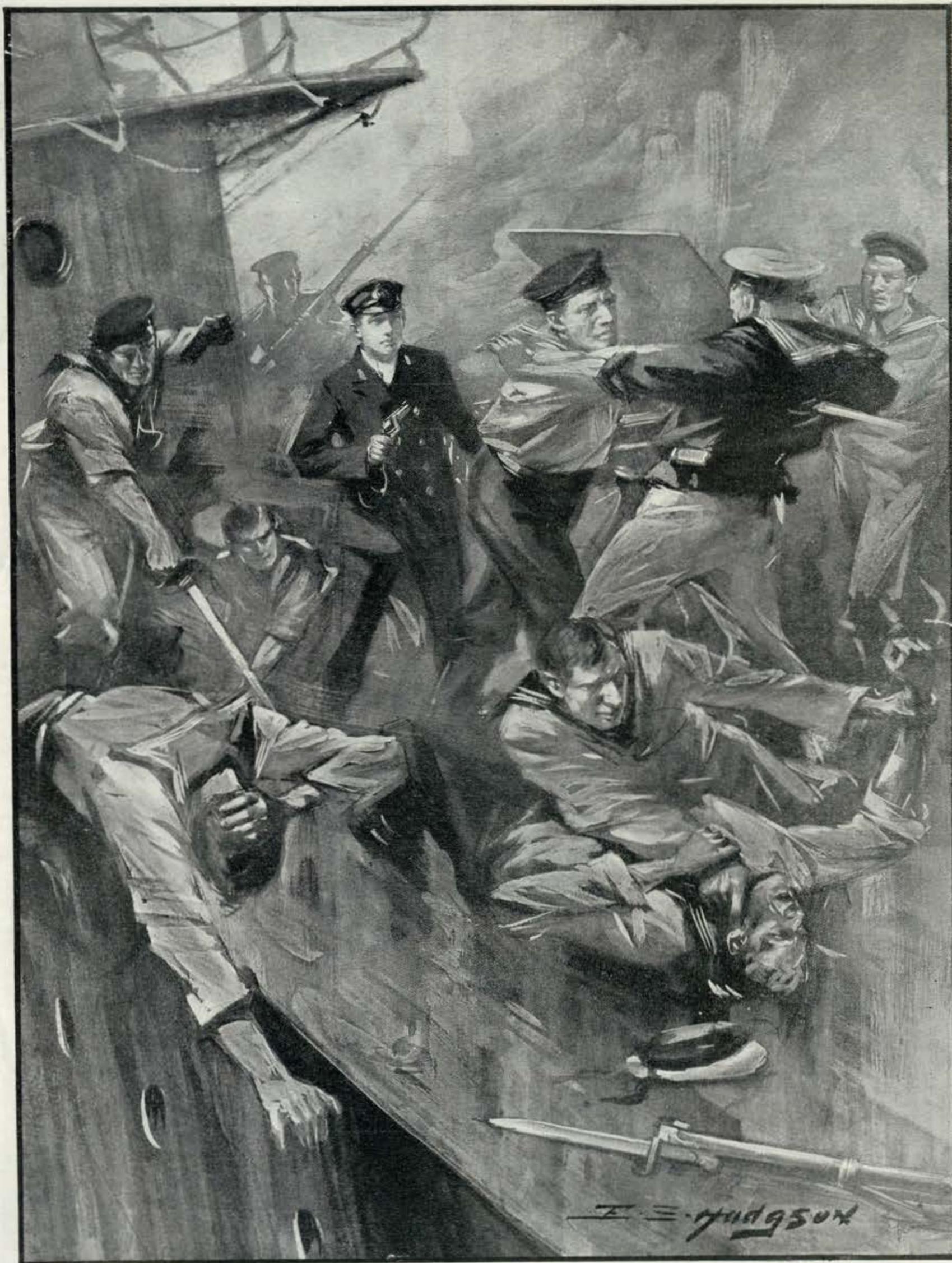
Com o receio justificavel de uma traição, o *Swift* esperou pelos acontecimentos. A guarnição allemã percebendo que a sua situação era critica, visto como o destroyer começava a afundar pela popa, cessou de gritar e atirou-se ao mar.

Como não houvesse nenhum inimigo á vista, e a acção que tinha durado approximadamente cinco minutos parecesse estar finda, o *Swift* assestou os seus holophotes e arreou o escaler para salvar sobreviventes.

Depois, o *Swift* e o *Broke* começaram a dar, um ao outro, os detalhes da luta, por meio de signaes luminosos. O *Broke*, como estava com a sua corrente electrica desarranjada, servia-se de um pharol electrico. Os marinheiros, no meio de maifestações perdoaveis de regosijo, saudando uns aos outros ficaram completamente roucos.

As perdas britannicas foram relativamente pequenas e o animo dos feridos pode ser conhecido pela conducta de William G. o homem do leme do *Broke*. Esse marinheiro, apesar de ferido quatro vezes por fragmentos de granada, manteve-se no leme durante toda a acção e finalmente só deu a saber seu estado mortal quando se apresentou ao commandante para responder á chamada, dizendo: "Deixo-vos agora, sir." E desmaiou.

Um grande numero de feridos só se apresentou para curativos no dia seguinte. Suas desculpas foram varias. A de um fognista que ainda tinha um pedaço de granada na cabeça foi, talvez, a mais engenhosa. Disse elle ao medico: "Eu estava, Sir, muitissimo occupado, removendo os destroços do compartimento das machinas."



A BRAVURA DO MARINHEIRO BRITANNICO NUMA LUTA BRAÇO A BRAÇO COM OS PIRATAS A BORDO DO "BROKE."

Depois do "Broke" ter, numa habilissima e perigosa manobra, abalbroado um dos destroyers inimigos, um grande numero de marinheiros allemães invadiram-lhe o convex. O guarda-marinha Donald A. Gyles, entre os mortos e feridos das guarnições das peças sob o seu commando, quasi cego com o sangue que lhe escorria dos ferimentos recebidos na vista, deu, elle só, combate aos invasores, com auxilio de um revolver automatico. No momento em que um possante allemão conseguira agarrar o guarda-marinha Donald, o marinheiro Ingleson atravessou-lhe o corpo com uma espada, num golpe prompto e decisivo. Em poucos segundos o convex do "Broke" ficou completamente varrido do inimigo.



Um moinho e uma ponte destruídos por uma explosão na vanguarda ocidental



Casa do Mayor da villa Nesle que acaba de ser capturada pelas tropas britannicas

UM VIBRANTE BRADO

GUERRA CONTRA A BARBARIA! GUERRA PELO DIREITO! GUERRA PELA HUMANIDADE!

O SR. IRINEU MACHADO continua recebendo em Paris as mais inequívocas provas de sympathia e carinho. Nada mais justo. Parlamentar brilhante, orador fulgoroso, que arrebatou e entusiasmou o auditorio, S. Ex., collocando na Camara dos Deputados, desde os primeiros momentos da guerra, o seu talento e a sua cultura ao serviço da causa dos alliados, foi o primeiro na America do Sul a levantar a sua voz eloquente contra o crime, as violações dos tratados internacionaes e barbarias praticadas pelos allemães. Nenhum outro paiz, a não ser o Brazil, protestou contra a violação do territorio belga. E se o então deputado Irineu Machado não houvesse feito da sua tribuna a campanha memoravel a favor do protesto contra aquella infamia da Alemanha, talvez o Brazil se mantivesse no mesmo silencio das outras nações, não porque o seu povo não a condemnasse energica e promptamente, mas porque fosse difficil encontrar-se na Camara uma figura de valor e autoridade que afrontasse e vencesse a onda volumosa dos que, olhando os factos sob um falso ponto de vista, sustentavam o principio de que o protesto em questão iria ferir a neutralidade brasileira. O Sr. Irineu Machado com a sua habilidade de velho e notavel parlamentar, venceu todos esses impecilhos, fazendo com que o seu paiz fosse o unico a ter a elevada honra de protestar contra a primeira covardia, o primeiro crime, a primeira violação dos tratados internacionaes commettidos pelo exercito prussiano na invasão da Belgica e do Luxemburgo. E essa honra, de que todo o brasileiro se orgulha, o Brazil deve-a ao Sr. Irineu Machado.

Eleito senador, concorrendo a um pleito disputadissimo que S. Ex. venceu pelo valor de seu nome e pelo poder do seu prestigio eleitoral, a sua conduta em defeza da nobre causa manteve-se no mesmo grão de calor e entusiasmo, a ponto de se pronunciar pela entrada do Brazil na guerra, a combater ao lado dos paizes da Entente. O seu ultimo discurso no "Grand Hotel," durante o banquete offerecido pelo *Le Journal* ao capitão Peixe, é um hymno de guerra contra os barbaros. Aqui transcrevemos as palavras com que S. Ex. terminou o seu discurso por occasião da generosa festa promovida por Sr. Charles Humbert, palavras



Arvores mutiladas e casas destruídas por obuzes, em Gommecour



Munições das tropas britannicas em França

que merecem o destaque que lhes damos nesta columna:—

"O assassinato dos marinheiros brasileiros, disse S. Ex., e a destruição do *Paraná* constituem a maior affronta que uma nação estrangeira até hoje, ousou infligir ao Brazil.

Contra o abominavel crime dos piratas allemães, os brasileiros actualmente em Paris, ergueram-se num movimento de energia patriótica e, reclamando a reparação do ultrage feito á nossa bandeira, soltaram o grito de guerra. Esse grito atravessou o Oceano, e as multidões brasileiras, electradas por uma colera santa, repelliram, ao som da Marselheza, em todas as cidades da nossa patria, o grito vingador da nossa honra:—guerra!

Nossas almas vibram de colera, nossos corações pulsam mais fortes, exigindo a guerra. Nosso governo já attingiu as duas primeiras etapas—a ruptura e apprehensão dos navios—e prosegue, num caminho seguro, a organização dos meios de guerra.

Neste momento augusto de nossa historia, todos os olhares dirigem-se para o presidente do Brazil. Elle é a égide de nossa honra, o depositario da dignidade do poder publico a encarnação da propria patria, prompta a lutar com firmeza e entusiasmo, disposta a todos os sacrificios e todos os heroismos, anciosa pela solução vingadora da nossa dignidade:—a guerra!

Como reparação de crimes monstruosos, a luta se impõe, num duro combate em que o mundo civilisado se une para vencer a barbaria allemã, para infligir aos animaes selvagens que a dirigem o terrivel castigo que será pronunciado pela cõrte solemne da justiça constituída pelos triumphadores da guerra!

Guerra! Guerra contra a barbaria! Guerra contra o crime! Guerra pelo direito! Guerra pela liberdade! Guerra pela civilisação! Guerra pela patria! Guerra pela humanidade!"

Ao terminar, o Sr. senador Irineu Machado foi calorosamente applaudido. A sua peroração, feita num tom eloquente, foi o mais vibrante grito de guerra que um brasileiro tem, no estrangeiro, lançado contra o despotismo e a tyrannia da Alemanha.



Tropas britannicas numa trincheira da vanguarda occidental aguardando o momento do assalto

DOIS ANOS DEPOIS

A IMPRENSA E AS VICTORIAS BRITANNICAS

QUANDO as linhas prussianas, batidas pela artilharia irresistível das forças britannicas, começaram a recuar desde Arras a Soisson, a imprensa alemã commentou o facto com um ar falsamente calmo, confiados na estratégia genial de Marechal Hindenburgo, annunciando como um golpe feliz contra os alliados o que não passava de uma derrota evidente e positiva. Entretanto, a mesma imprensa alemã mantinha-se numa situação de ansiosa expectativa. Alguns jornaes acreditavam com sinceridade, no successo da empreitada. Outros mostravam-se inquietos com a precipitação que caracterizou a retirada, em que se perderam milhões de marcos em arame farpado e munições abandonadas pelo caminho. Muitos—e nesse numero estava a maioria da imprensa—olhavam a estratégia do chefe com uma desconfiança mascarada, que se percebia atravez de artigos mornos, indifferentes, artigos que não se crystallisaram em ataques contra o governo para poupar uma confissão que fosse ecoar no estrangeiro, como para impedir que o desanimo e desespero invadissem o povo e o exercito. A verdade, porém, é que nenhum só jornal chegou a reconhecer os esforços dos alliados, os efeitos terriveis da offensiva franco-britannica. Eis que uma mez é passado. Os resultados da astucia hendinburgueza não surgiram até agora, enquanto por outro lado, as victorias successivas da Entente se verificam cada vez mais. Nos ultimos dias, então, a cousa tem sido espantosa. Prisioneiros allemães vão cahindo aos 7,000, aos 9,000, aos 11,000 aos 14,000 nas mãos das forças britannicas, ao mesmo tempo que os francezes derrotam valentemente o inimigo tomando-lhes posições novas. A imprensa alemã, diante da logica desses factos, resolveu a preparar o espirito publico para receber golpe rude e doloroso que se aproxima fatal: a confissão da derrota.

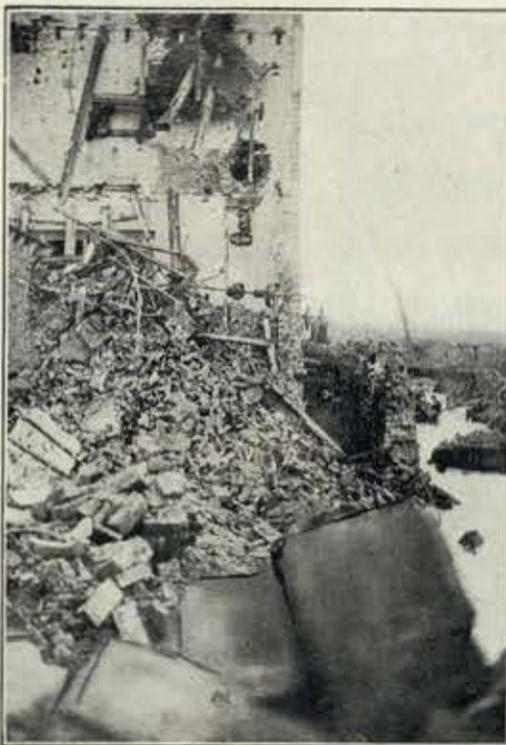
E' assim que referindo-se á victoria do exercito britannico, diz o *Vorwaerts*, num artigo assignado pelo coronel Gaedk: "A Inglaterra augmentou de tal maneira a sua producção de canhões e munições que ella poderá privar-se das importações americanas e mesmo ajudar os alliados. E' preciso, pois, julgemos que não faltam a nossos adversarios os recursos necessarios á conducta da guerra e á continuação das batalhas. E' no oeste que terá lugar a decisão da guerra."

Berliner Tageblatt encara a situação de maneira tão pouco agradável, em vista da offensiva britannica que a seu ver "Hindenburgo será obrigado, talvez, a servir-se das reservas geraes." E o *Strasburger Post*, explicando as victorias que têm valido milhares de prisioneiros e de canhões as forças de Sir

Douglas Haig, dá a seguinte desculpa: "E' em virtude da destruição e dos tiros de barragem, impedindo a chegada das reservas que os inglezes conseguiram fazer numerosos prisioneiros e capturar canhões."

Abundando nas mesmas considerações do *Vorwaerts*, um outro jornal *Schwäbische Tagewaacht*, faz as seguintes considerações sobre o esforço da Inglaterra:

"Espera-se pois, para o futuro, longos combates, e é provavel que o "front" se alargue mais. Os nossos adversarios não prepararam com tanto poder, depois de alguns mezes, a offensiva actual para se limitar a uma acção



Ruinas na vanguarda occidental

local. A Inglaterra produz neste momento munições sufficientes ás suas necessidades. Os auxilios da America, ella pode dispensal-os. A sua capacidade productiva permite-lhe mesmo fornecer a França. Não alimentemos, portanto, falsas illusões: aos nossos inimigos é impossivel faltar o que lhes é necessario para continuar a guerra.

Koelnische Zeitung diz mais ou menos o mesmo: "Os inglezes cujos meios de acção neste momento são absolutamente formidaveis, substituem agora os seus alliados. Foram precisos mezes de preparação para que fosse

assegurada a acção actual, que pode ser considerada como o preludio da grande offensiva annunciada." Convém realçar aqui um facto que revela imbecilidade do espirito allemão. A imprensa allemã tem feito o que lhe é possivel para levantar animosidades entre a França e a Inglaterra. Assim ella se serve de todos os recursos que lhe pareçam convenientes. O ultimo posto em pratica por todos os jornaes de Berlim e adjacencias, consiste em deprimir o exercito francez ao lado do exercito inglez, procurando levantar uma muralha de despeito entre a França e Inglaterra. E' obdecendo a esse intuito que a gazeta que acabamos citar põe em destaque que a Gran-Bretanha "está agora substituindo os seus alliados." Os escribas de Além Rheno perdem, porém, o tempo e latim. Cada paiz aliado desempenha o seu papel, valentemente, heroicamente, sem outra preocupação que a de conseguir a victoria final. Qualquer intriga semeada entre elles não vingará.

Mas continuemos a tratar do nosso primitivo assumpto. Citemos aqui para finalizar, trechos de tres jornaes que são no seu paiz verdadeiras potencias: *Frankfurter Zeitung*, *Kachische Zeitung* e *Berliner Tageblatt*. O primeiro escreve: "Nós outros allemães estamos persuadidos e—com justa razão—de contar com um exercito dotado de virtudes guerreiras como nenhum outro paiz pode conseguir. Possuimos os melhores soldados, mas se os nossos inimigos não os igualam, podem por outro lado, sendo activos e trabalhadores, organizar, construir canhões, fabricar munições. A batalha actual, tentativa de rompimento de nossas linhas, é um monstro de phantasia tecnica. Empregando meios gigantescos de acção, despejando uma tempestade de fogo, os alliados procuraram o caminho da victoria." O segundo faz uma confissão mais curiosa: "Nós devemos, infelizmente, admitir que os nossos sacrificios foram dolorosos. Sustendo obstinadamente o inimigo, nem sempre era possivel ás nossas tropas romper o combate em tempo, tanto mais quanto toda a communição estava cortada com o alto commando como resultado da barragem organizada pelo continuo fogo da artilharia inimiga. Em taes condições, é preciso levar na devida conta as grandes perdas de material de toda a sorte." O ultimo destes jornaes o *Berliner Tageblatt*, campeão da imprensa allemã na campanha de ridiculo contra o "desprezível exercito" da Inglaterra, conta o caso como é: "Não se pode ficar sob o fogo da artilharia inimiga quando é impossivel a deteza. Seria um sacrificio inutil. Muitas vezes um chefe não pode procurar um successo definitivo, mantendo-se sobre certos pontos compromettidos do "front."

AS BOAS INTENÇÕES

OS jornaes italianos publicaram, em principio de Abril, uma carta do cardeal Gasparri ao Sr. Van den Henvel, ministro da Belgica junto á Santa Sé, sobre a deportação belga. Na sua parte final, ella dizia :—

“Depois de informações seguras, recebidas ultimamente de Berlim, as autoridades competentes estão dispostas a não mais proceder a novas deportações forçadas de operarios belgas na Allemanha, permitindo ao mesmo tempo a repatriação dos que, como resultado de erros possiveis, foram deportados injustamente. Alegro-me particularmente por terem assim accedido ao desejo do papa, desejo expresso tantas vezes por V. Excellencia, e cuja realização eu estava encarregado de recommendar muito calorosamente ás autoridades do imperio.”

Esta carta, publicada mais tarde em quas todos os jornaes da Europa, e talvez do mundo, tem, na parte que acima publicamos, um trecho que dá margens a interpretações duvidosas. Serão repatriados os operarios belgas que em virtude de “possiveis enganos,” tenham sido deportados injustamente. Que significam esses “possiveis enganos?” Pelo que diz o cardeal Gasparri, conclue-se que as autoridades allemãs vão repatriar os infelizes operarios, guardando-os que não forem victimas dos “possiveis enganos,” e como são essas mesmas autoridades as unicas que podem julgar da justiça ou injustiça num caso de deportação, segue-se que o numero

atingido pelos “possiveis enganos” vae ser insignificante, na proporção de um por mil se tanto.

De facto, ha um mez, foram repatriados algumas centenas de infelizes belgas, mas de belgas enfermos, uns como consequencia da falta de alimentação, outros pelo mau tratamento recebido na Allemanha, e muitos em virtude de não lhes ser concedido o conforto que um inverno rigoroso exige. Foram, certamente, esses os casos dos deportados injustamente. Mas si por um lado as autoridades allemãs estão dispostas, como diz o cardeal Gasparri, isto é, pretendem repatriar os deportados; por outro lado, essas mesmas autoridades, enquanto a promessa não passa de boa intenção, continuam a recrutar civis belgas. No nosso ultimo numero, e nesta mesma secção, demos a esse respeito uma noticia, vasada num telegramma do Havre. Tratava-se de um comboio de deportados, que, por se recusarem, na sua maioria, a assignar um “contracto” que lhes era entregue, foram castigados, privados de nutrição, até se “convencerem” de que o “contracto” tinha a sua conveniencia.

Outra prova de que as deportações continuam, é que na Suissa, alli bem a dois passos da Allemanha, os cantões de Vaud, Neuchatel e Genève, sob a iniciativa dos respectivos governos, enviaram uma petição, contendo 150.203 assignaturas ao Conselho Federal, em que protestam contra a deportação belga, pedindo ao mesmo tempo a intervenção do governo suizo junto á Allemanha para que

ponha um termo a semelhante crueldade.

Essa petição foi enviada ao Conselho Federal alguns dias depois de publicada a carta do cardeal Gasparri. A sua discussão teve lugar um mez depois de ter o mesmo cardeal recebido do governo de Berlim a noticia de que as autoridades estavam dispostas a repatriar os “injustamente deportados.” Ora, se tal noticia fosse digna de attenção, se o seu conteudo tivesse fundamento, ao ser, no Conselho Federal, annunciada discussão da humanitaria e generosa petição dos cantões de Vaud, Neuchatel e Genève, o Sr. Meyer se levantaria para dizer que a referida petição se achava prejudicada, por isso que, segundo constava de um communicado official do cardeal Gasparri, as autoridades allemãs estavam dispostas a etc., etc. Mas, o Sr. Meyer, falando, como “leader,” em nome da maioria não fez tal. Disse apenas que o governo suizo havia, em tempos, tratado do assumpto antes de receber a petição dos cantões mencionados, offerecendo ainda os seus serviços para que os deportados da região franceza, fossem repatriados de collaboração com a Suissa.

Vê-se, pois, que essa historia do governo allemão estar disposto a por um termo a essa miseria de recrutamento de civis nas regiões invadidas, conforme declarou o cardeal Gasparri ao Sr. Van den Henvel, ministro da Belgica acreditado na Santa Sé, não passa de uma boa intenção.

E é bom lembrar que é de boas intenções que o inferno está calçado.

VESTIGIOS DA PASSAGEM DOS BARBAROS



Uma das barbaridades commettidas pelos allemãs. Ao ve var, as suas tropas nem mesmo os remeterios respeitam. A photographia mostra as arvores que derrubaram num desses logares sagrados.

VERDADEIRA ALIMENTAÇÃO PARA CÃES



Este cão é um exemplo do mais perfeito estado em que pode ser mantido um animal dessa espécie—esplendido pelo, cheio de vida, e faz honra ao seu dono.

As refeições diárias tem consistido em:

SPRATT'S DOG CAKES
(Biscoito para cães)
PUPPY BISCUITS
(Biscoito para cãesinhos)

Alimente o seu cão durante um mês com SPRATT'S BISCUITS (Biscoito Spratt's) e verá como melhora. A firma Spratt's é famosa em todas as partes do mundo para a alimentação de cães, galinhas, passaros e outras aves domesticas. Também somos proprietarios das incubadoras marca *Harrison*, as quais chocam todos os ovos perfeitos. Escreva pedindo as publicações sobre o tratamento de cães, galinhas, passaros e outras aves domesticas, mencionando para qual das especies deseja. Envia-se gratis. Dirija a correspondencia para: **SPRATT'S PATENT LIMITED**, 24/25 Fenchurch Street, Londres, Inglaterra.

JOHN WYMAN, LONDRES.
EXPORTADOR PARA O BRAZIL.

Drogas, Productos Chimicos e Pharmaceuticos.
Especialidades Inglesas e Estrangeiras.

MARCA REGISTRADA:
"ESTRELLA VERMELHA,"
CONHECIDISSIMA EM TODO O BRAZIL HA MAIS DE 50 ANNOS.

'BLACK & WHITE' SCOTCH WHISKY.



THE CONNOISSEUR
Drinks
"BLACK & WHITE."

London and Brazilian Bank, Limited.

Estabelecido em 1862.

Capital subscripto, 125,000 Ações de £20 cada uma £2,500,000
Capital realizado £1,250,000
Fundo de reserva £1,400,000

Casa Matriz:

7. Tokenhouse Yard, Londres, E.C.

SUCCURSAES:—

BRAZIL: Rio de Janeiro, Manaus, Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, Santos, São Paulo, Curitiba, Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RIO DA PRATA: Montevideo, Buenos-Aires, Rosario.
ESTADOS UNIDOS DA AMERICA: Nova-York (Agencia).
FRANÇA: Paris, 5, rue Seribe.
PORTUGAL: Lisboa, Porto.

Agentes ou correspondentes em todas as principaes cidades do Brazil, Uruguay, Argentina, Estados Unidos da America, Europa, Cartas de credito, e Remessas Seguras por telegrapha e outras para succursaes e Agentes Letras de Cambio descontadas ou mixadas á cobrança, todo o genero de *si com o* e *banca*.

STOWELL & Co., LIVERPOOL.

NO PARÁ Stowell Brothers
EM MANAOS Stowell & Sons
EM PERNAMBUCO .. Stowell & Nephew

EXPORTADORES E IMPORTADORES.

FERRAGENS, FAZENDAS, ESTIVAS, METAES.
ALGODÃO, BORRACHA.

BAISS BROTHERS & CO.
Grange Works, LONDRES

(ESTABELECIDOS EM 1833).

Fabricantes de **MARCA REGISTRADA** DROGAS, PRODUCTOS CHIMICOS E **ACCESSORIOS PARA HOSPITAES.**

O "ROTULO VERMELHO" com a MARCA ACIMA É CONHECIDO NO BRAZIL HA UM SECULO, uma Prova da BÓA QUALIDADE DE NOSSOS PRODUCTOS.

"The South American Journal"

FUNDADO EM 1863.

Diploma de honra na Exposição de Buenos-Ayres em 1910.

Este semanario é o principal orgão em inglez para as relações commerciaes entre a Inglaterra, a America do Sul, Central, e o Mexico contendo o resumo das ultimas noticias, e o relatório de todas as companhias respeitantes áquelles paizes. Indica também a melhor oportunidade para negocios, o estado do mercado, e, o que lhe merece um cuidado especial, a situação financeira.

Tem uma larga circulação no continente europeu, bem como no Brazil, e outros paizes da America latina, sendo assignado por muitos banqueiros, proprietarios, exportadores engenheiros negociantes, companhias de navegação, de caminho de ferro, de tramway, de gaz, escriptorios officiaes e por todas as empresas que tem interesses na America do Sul.

Para annuncios pedir a tabella.

Redacção e administração, 309-312, Dashwood House, 9, New Broad St., LONDRES, E.C.

Assignatura annual 25 shillings
Numero avulso 6 pence.
Manda-se gratis um exemplar para amostra

R.M.S.P. & P.S.N.C.

(MALA REAL INGLEZA).

Os mais luxuosos vapores com o maximo conforto.

Serviço continuo de paquetes entre os portos do **IMPERIO BRITANNICO**

BRAZIL, RIO DA PRATA e outros portos da AMERICA DO SUL, **ANTILHAS** e **CANAL DO PANAMA.**



Varandas para café. Apartamentos de luxo e Camarotes com uma unica cama. Criados Portuguezes.

PARA INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE: Royal Mail Steam Packet Co., Pacific Steam Navigation Co.,

Londres: 18, Moorgate Street, E.C.
Liverpool: 31, James Street.

RIO DE JANEIRO: 55, Avenida Rio Branco.

Linha de Vapores Nelson
Viagens rapidas todas as semanas DE LONDRES A MONTEVIDEO E BUENOS AYRES.

Preços os mais modicos, com o maximo conforto.

Para informações sobre passagens ou fretes dirijam-se

Á agencia— **WILSON SONS & CO.,** Rio de Janeiro.
CHRISTOPHERSEN HNOS., Montevideo.
H. & W. NELSON, LIMITED, Buenos Ayres.

FINANÇAS BRAZILEIRAS

The Financial Times é o mais

importante jornal em materia de finanças e, no genero, o de maior circulação na Gran-Bretanha. Um diario incontestavelmente reconhecido como o melhor meio pelo qual os capitalistas inglezes correctamente se informam dos desenvolvimentos financeiros e commerciaes do Brazil.

Todas as communicações devem ser dirigidas ao Redactor ou Gerente Commercial

"The Financial Times,"

72, Coleman Street, Londres, E.C.

LINHA BOOTH.

Viagens regulares entre Liverpool, Hespanha, Portugal, Madeira, Pará e Manáos.

Os paquetes são confortavelmente aquecidos por meio de irradiadores, caprichosamente iluminados a luz electrica, e todos os seus compartimentos aparelhados com ventiladores. Transportam instalação de telegraphia sem fios, medicos, enfermeiros, creados e orchestra, para o conforto e gozo de seus passageiros.

Para informações detalhadas dirijam-se aos agentes da Linha Booth, nos portos em que tocam, ou á

THE BOOTH STEAMSHIP Co., Ltd.,
Escriptorios de Londres: 11, Adelphi Terrace, W.C.
Administração: Tower Buildings, Liverpool.

LAMPOR & HOLT LINE

Linha de vapores para transporte de passageiros e malas para a AMERICA DO SUL, BRAZIL, RIO DE PRATA, E NEW YORK

Vapores de carga, directos, transportando passageiros só de primeira classe.

Partidas quinzenaes de Manchester, Glasgow, Liverpool, Middlesbrough e Londres, para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos.

Partidas quinzenaes de Glasgow, Liverpool, Middlesbrough e Londres, para Montevideo, Buenos-Aires e Rosario, De Glasgow, Liverpool e Havre, para os portos occidentaes da America do Sul.

Para informações dirijam-se a **LAMPOR & HOLT, Ltd.**

LIVERPOOL—Royal Liver Building.
LONDRES—36 Lime Street.
MANCHESTER—21 York Street.

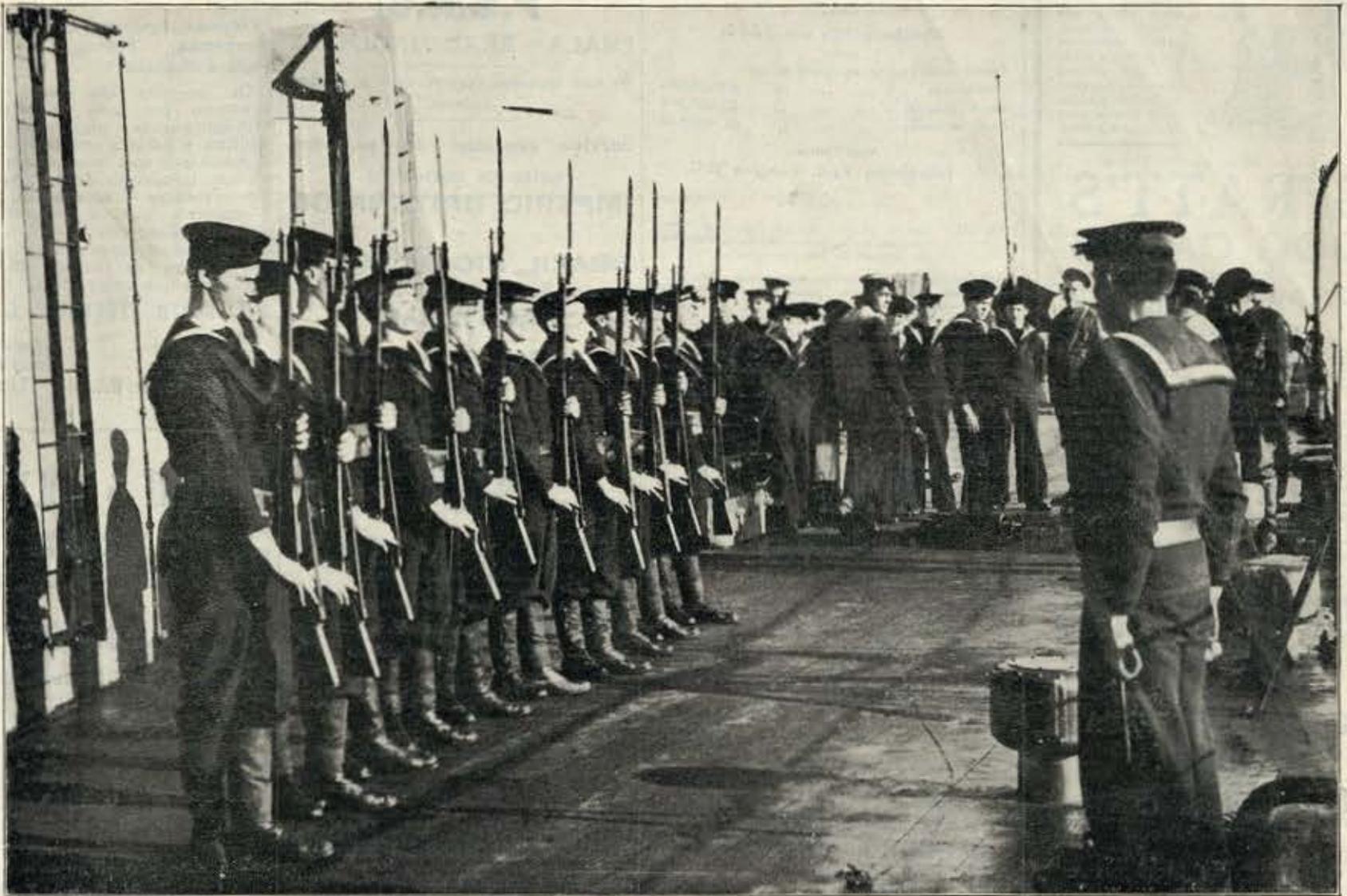
BEBAM SÓMENTE CHALIPTON

O melhor Chá do Mundo

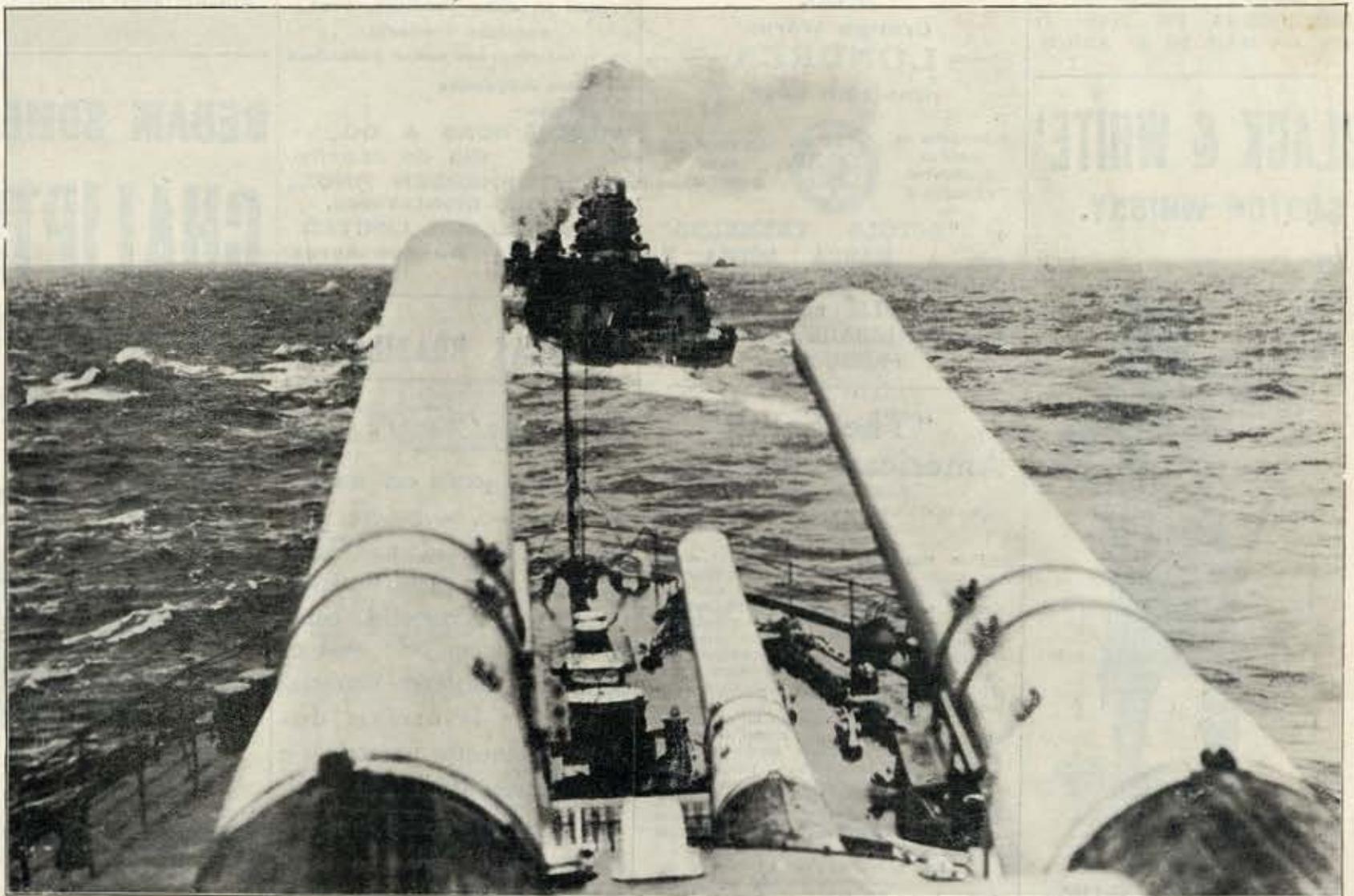


A VENDA EM TODOS OS MELHORES ARMAZENS

SCENAS DA GUERRA



A guarnição de um dos vasos de guerra da valente marinha britânica fazendo exercicios



Os possantes canhões de uma unidade naval britânica, prontos para a acção.